



VOZES da
AGRICULTURA
ecológica

Capítulo 14

**SANDRA
CAMPAGNOLLO**

dezembro, 2017

Laércio Meirelles



dezembro, 2017

Sandra Campagnollo



O município de Ipê dista 50 quilômetros de Caxias do Sul, localizado em uma área de transição entre a Encosta Superior do Nordeste Gaúcho e os Campos de Cima da Serra. Tem como segundo distrito a Vila Segredo, uma pequena localidade com casas de madeira, estilo da colonização italiana, ao redor de uma bem cuidada praça e uma bonita igreja. Segredo está a 13 quilômetros da sede, unidas por uma estrada vicinal, não asfaltada. Se sairmos de Ipê e passarmos pela Vila Segredo em direção ao município de Protásio Alves, após seis quilômetros, chegaremos à comunidade da Capela Santa Catarina. É nessa comunidade que vive a família Campagnollo.

Na casa onde viveram nove, o casal e sete filhos, hoje vivem quatro. Os pais, Luiz e Nadir, a filha Sandra com 34 anos, e Eric, dez anos, filho da Sandra.

Chego para visitá-los e só encontro os pais. Após os cumprimentos iniciais, pergunto pela Sandra.

— *Foi na lavoura pegar umas cebolas recém colhidas, tem uma ameaça de chuva no ar.*

— Ela é a mais nova?

— *Sim, sim. É a neném.*

Começamos a conversar sobre o trabalho com Agricultura Ecológica. Dona Nadir adianta-se:

— *Foi uma benção que caiu do céu, trabalhávamos com fumo e estávamos cansados de veneno. As meninas trabalhavam conosco, vinham para casa e vomitavam. Depois que começamos com a feira, foi a melhor coisa que nos aconteceu. Toda segunda-feira entrava aquele dinheirinho, que coisa boa! Sobrou dinheiro, compramos um terreninho no Ipê, fizemos a casa, temos dois carros e um trator.*

— E de onde veio essa ideia?

— *Um dia, o padre frei Arlindo Batistelli veio jantar aqui em casa. Aí oferecemos melancia e tomate para ele. Contamos que havíamos plantado sobre o canteiro no qual produzíamos as mudas de fumo. Ele se apavorou e começou a nos falar dos problemas dos venenos.*

Ela prossegue:

— *No início, foram muitos cursos para aprender a plantar verduras, preparar os produtos para a feira, embalar, fazer os molhos. Fizemos muitas aulas práticas com a Ana, lá no Centro Ecológico.*

Seu Luiz entra na conversa.

— *No início não foi fácil, já plantávamos fumo há 20 anos, estávamos acostumados. Para ir à feira mesmo, era um sacrifício. Os sócios do grupo iam a Porto Alegre de tombeira emprestada pela prefeitura. As pessoas viajavam junto com os produtos, atrás, embaixo da lona.*

Quero saber se eles já foram às feiras. Dona Nadir responde:

— *Nunca fomos. Eu queria ir, mas este aí não me deixa* – diz olhando para o marido.

— *Eu passo mal andando de ônibus, tenho medo dela passar também* – responde seu Luís.

Ela retoma a palavra:

— *Mas quem começou tudo mesmo aqui em casa foi o Volmir, ele que insistia muito para largamos o fumo e os venenos.*

O casal segue com suas lembranças, com aquela fisionomia

tranquila de quem conta algo que, visto em perspectiva, foi só bom... mas eu conheço a história deles e sei que muitas dificuldades foram superadas.

À noite, entro em contato telefônico com o Volmir, irmão da Sandra, e peço para ele buscar em sua memória esses momentos.

— *Depois desse episódio com o frei Arlindo, lembro-me de ouvir comentários na Vila Segredo sobre o trabalho de produção de hortaliças sem veneno e a comercialização em Porto Alegre. Em 1994, Neudi Balancelli, técnico agrícola da Emater de Ipê, em conjunto com meu vizinho Ivanor Lorenzetti, nos convidaram a uma reunião para propor a criação da Associação dos Produtores Ecológicos da Capela Santa Catarina (Apesc). Meu pai participou da primeira reunião, depois eu me envolvi mais.*

Ele prossegue.

— *Nas primeiras feiras, fomos com o caminhão da prefeitura e, depois, em conjunto com Associação dos Produtores Ecológicos da linha Pereira Lima (Apema). Sempre embaixo da lona, no meio das caixas, se elas caíssem poderíamos nos machucar. Lembro que levávamos lanches de casa, para café da manhã e almoço. As vendas eram pequenas, não sobrava muito.*

Volmir conta que agricultores da comunidade zombavam que eles precisavam fazer curso para aprender a plantar repolho. Pior, diz ele, foi seu pai ouvir do técnico da Souza Cruz que se entrasse na Agricultura Ecológica iria perder tudo, iriam passar fome. O pai preocupou-se e resolveu voltar a plantar fumo, mas, na propriedade, entraram em um acordo para fazer os dois. Se precisasse, o Volmir estava disposto a usar o intervalo do almoço para fazer sua horta ecológica. Ele acrescenta que o apoio da Emater do Ipê e do Centro Ecológico, junto com o exemplo das associações mais antigas, foram fundamentais para que eles persistissem.

Seu Luís mencionou esse episódio. Disse que pensou em voltar para o fumo, ficava preocupado de não poder manter a família, mas depois desistiu. Compreensível. A história da imigração italiana é uma história de muita luta pela sobrevivência. Vieram de uma situação difícil em seu país de origem e foram obrigados a reproduzirem-se econômica e socialmente em condições desconhecidas e, também por isso, adversas.

Enquanto ouço os pais, chega a Sandra dirigindo o trator. Lembro da sua mãe chamando-a de neném e sou obrigado a sorrir. Definitivamente neném não é uma palavra que eu poderia associar à caçula da família. Uma mulher alta, alegre, sorridente, objetiva, com jeito de quem não quer perder tempo, em poucos minutos estamos conversando. Fico sabendo que ela nasceu em 1983 e que seus primeiros anos de trabalho, ainda criança, foi com a cultura do tabaco.

— Tens lembrança do fumo?

— *Eu não gostava. Quando estourava o brometo de metila nos canteiros para as mudas eu tinha que sair correndo. Recordo-me bem do cheiro insuportável. Lembro, também, de trabalhar com as folhas de fumo e voltar para casa com aquele cheiro ruim de veneno nos braços.*

O brometo de metila é um agrotóxico extremante prejudicial à saúde. Hoje em dia, o Protocolo de Montreal restringe severamente o seu uso. Como sempre, nestes casos, o Brasil é extremamente sensível à pressão das indústrias e vai usando de subterfúgios para retardar o banimento total de uma molécula tão nefasta.

Sandra sabe que a primeira feira da Apesc em Porto Alegre foi em 7 de dezembro de 1994, após muitas reuniões e cursos, mas era ainda muito nova para acompanhar esse momento.

Recorda-se que começou a ajudar na feira com 14 anos.

Foi sua primeira ida à Capital. Ela brinca que colocava roupa bonita, de passeio, afinal era uma viagem a Porto Alegre!

Casou-se em 2002 com um jovem agricultor ecologista, de outra comunidade, mas também vinculado a uma associação de agricultores e inserido na dinâmica de comercialização nas feiras de Porto Alegre. Nesse aspecto, a vida da Sandra não mudou muito.

Em 2011 separou-se e foi viver na cidade, em Ipê. Morou um ano, revezando-se entre o trabalho em uma pequena fábrica de artesanatos em vime e os cuidados com o Eric, então com cinco anos. Não gostou da experiência e resolveu voltar para trabalhar na agricultura, com os pais. Foi muito bem recebida.

— Por que você não gostou de morar no Ipê?

— *O salário era baixo, ganhava por produtividade e meu tempo era curto, minha prioridade era e é o Eric. Também o estresse de trabalhar na cidade, com horários definidos, barulho de máquinas... E eu tinha saudade da roça. Acho que a impressão que eu tinha da cidade, de ganhar mais e trabalhar menos, não se concretizou.*

Ela segue:

— *E também pensei muito no meu filho. Queria mais liberdade no trabalho para cuidar do Eric. Ele não gostava da cidade, não gostava do colégio. Quando falei em voltar ele gostou da ideia. Isto foi muito importante.*

Quando nos afastamos dos seus pais em direção à lavoura, Sandra acrescentou que também quis voltar para ficar com eles, cuidar deles, afinal haviam criado sete filhos e estavam sozinhos na roça. Emociona-se ao lembrar que a mãe chorou no dia do seu casamento. E que a abraçou forte quando ela voltou.

— *Mas tinha a realidade para enfrentar. Aqui a lavoura estava toda abandonada. Apenas um trator bem pequeno, pouca estrutura para a produção. Tive que começar do zero. Não foi fácil, mas encarei.*

E encarou mesmo. Posso atestar isso enquanto caminhamos em parte da propriedade.

O parreiral tem pouco menos de um hectare. Segundo

Sandra é o xodó do pai. Conheço bem a relação que os imigrantes italianos têm com a uva. Certa vez, fomos procurados por um produtor que, intoxicado por agrotóxicos, havia sido proibido pelo médico de entrar em um parreiral. Procurou-nos para trabalhar sem veneno porque não iria aguentar ficar sem andar sob o parreiral. “Fui criado embaixo das uvas” – dizia ele.

Algumas plantas do parreiral do Sr. Luís parecem ter mais de cem anos. Merecem minha reverência.

Tem ainda dois hectares de horta.

— *Planto de tudo* – diz Sandra – *a feira requer isso, assim vendo mais.*

Confirmo o que ouço ao ver couve-flor, brócolis, espinafre, alfaces, rúcula, rabanete, cenoura, beterraba, couve, batata, vagem, pepino e muito mais. Em uma estufa, tomates e tomatinhos, uma quantidade significativa, cerca de 2500 plantas.

Ouçó Sandra falar com conhecimento de causa do manejo que faz. Não deixa de usar cobertura morta com material que retira do mato ou de áreas ociosas. Faz adubação verde.

Quanto ao esterco, além de usar o que é gerado na propriedade, compra um adubo orgânico à base de esterco de aviário.

— *Esse ano usei menos esterco porque no ano passado tive problemas tanto com virose quanto com murchadeira* (enfermidade causada por uma bactéria).

Prudente. Esterco em excesso pode fornecer à planta mais nitrogênio do que consegue metabolizar. Ele acaba se acumulando na forma de substâncias solúveis na própria planta, e essas substâncias são fonte preferencial para a alimentação de insetos e patógenos. Bem alimentados, acabam se tornando um problema, causando danos econômicos aos cultivos. Assim preconiza a Teoria da Trofobiose, desenvolvida pelo pesquisador francês Francis Chaboussou.

Em seu livro, “Plantas Doentes Pelo Uso de Agrotóxicos”, Chaboussou argumenta que deveríamos entender o aumento

exponencial de insetos e enfermidades na agricultura, após o advento dos agrotóxicos e dos adubos químicos, através do viés trófico na relação planta – hospedeiro ou planta – inseto. Existe algo que ele fala no livro que quero repetir aqui. Chaboussou afirma não temer que sua teoria seja refutada. Ele apela para que seja considerada e melhor compreendida. O que ele teme é a “conspiração do silêncio”, ou seja, tem medo que os interesses que ela contraria impeçam maiores estudos sobre sua procedência. Mais de 30 anos após ler seu livro, acho que ele foi profético também nesse aspecto. A Teoria da Trofobiose é pouco entendida e divulgada mesmo entre os adeptos da Agricultura Ecológica, o que dizer dos seus detratores. O silêncio ao redor da Trofobiose impede que ela seja incorporada na nossa compreensão sobre a dinâmica da proteção dos cultivos. Lástima.

Volto à Sandra. É muito trabalho para uma pessoa só, com a ajuda possível dos pais que já estão com certa idade.

— Você contrata diaristas?

— *Não, sou eu e a ajuda que o pai e mãe podem me dar.*

Impressiono-me com toda sua capacidade de trabalho. De fato chega a ser pouco crível que possa dar conta de tudo que vejo.

Pergunto se pode descrever as atividades do seu dia anterior. Sorri e começa:

— *Levantei 6h30min da manhã e, como todos os dias, eu, o pai e a mãe tomamos chimarrão até as sete. Depois, demos comida para as galinhas e tiramos o leite. Assim que terminei fui para a lavoura. Na lavoura colhi nabo, rabanete, beterraba e cenoura. Voltei para casa, lavei o que colhi, fiz os molhos e arrumei nas caixas para a feira. Voltei para colher tomates e tomatinhos. E olha que ontem estava bem quente!*

Ela continua, olhos ao alto, buscando as atividades na sua memória.

— *Almoçamos e descansamos um pouco. Durante o*

descanso do almoço, gosto de ver um filme com o Eric, acho importante ter um tempo com ele. Às duas, comecei a limpar os tomates, coloquei nas caixas, limpei os tomatinhos e embalei em bandejas de 400 gramas. Voltei para a lavoura e fui colher batata, couve-folha, vagem e pepino. Voltei da lavoura já eram 19h, lavei e embalei tudo e fui levar uma viagem com nossa caminhonete até a sede da associação, na Capela Santa Catarina. Cheguei em casa 20h30min, só tomei um banho rápido e fui até a Vila Segredo.

— Alguma reunião, Sandra?

— Não, futebol... Adoro jogar bola. Cheguei em casa às onze da noite.

— E hoje?

— Mesma coisa, chimarrão às seis e meia, depois tratar as galinhas...

Agora, quem abre um sorriso sou eu. Acho que de admiração. Pergunto pela comercialização.

— *Quase tudo na feira, vendo um pouco para a Econativa (Cooperativa de Produtores Ecologistas da Serra e do Litoral Norte do Rio Grande do Sul) também.*

— E você gosta de ir à feira?

— *Ultimamente acho cansativo. Mas gosto, principalmente da conversa com os consumidores. Vou dois sábados e folgo um, revezamos entre três famílias.*

— Sai que horas de casa?

— *Sextas-feiras saio às 14h. Às 15h30min começa uma feira que abrimos no Ipê. Faço essa feira e, por volta das 19h termino. Durmo na casa do meu irmão e 1h da manhã saio no ônibus que leva todos para a feira. Sábado, 19h30min, estou em casa de novo. Cansada!*

Ao longo dos anos, as Associações de Agricultores Ecologistas de Ipê e Antônio Prado acabaram montando um esquema para ir às feiras em Porto Alegre, otimizando custos. Os produtos vão em caminhões, a maioria fretados. Dependendo

do volume de cada grupo, associam-se de modo que a carga vá completa. Em tempos passados, carga e pessoas viajavam juntas, sob a lona. Hoje a legislação é mais rigorosa. Diante do fato, organizaram-se e passaram a alugar, conjuntamente, um ônibus, cada associação vai com um determinado número de pessoas.

— Sandra, você está feliz de ter voltado, foi uma boa escolha?

— *Muito, acordo bem, venho feliz para a lavoura. Dou bom dia para os meus tomates, converso com eles! Pena que o clima está tão estranho, não sei até quando vou conseguir produzir bem por aqui.*

Ela conta, também, que uma das motivações para se dedicar tanto, e com alegria, é o desejo de economizar dinheiro para realizar um sonho. Quer construir uma casa própria, com recursos do seu trabalho.

Despeço-me dos quatro. São três gerações e um monte de histórias para contar. Entro no carro e fico pensando sobre a Sandra. Objetivos em mente, perseverança para alcançá-los e visão positiva sobre o que a vida apresenta. Vem à minha mente que esses elementos são parte importante da equação da tão decantada felicidade. Acho que por isso vi na Sandra uma fisionomia que transmite esta sensação: felicidade.

